



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da União Operária Nacional  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Tâmbora — Lisboa — Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A queda da comuna húngara

A comuna da Hungria baqueou. As sinistras manobras dos bandos leinistas da Internacional burguesa e imperialista conseguiram estrangular o proletariado madgyar, impondo-lhe pela força das armas a deposição de um regime que, ainda que não representasse, em toda a sua pureza, os ideais por que lutam os trabalhadores há mais de meio século, assentava, todavia, num princípio emancipador que muito importava ficasse fortemente enraizado. Não sabemos bem como se desenrolou a tragédia. A burguesia, da posse de todos os meios de comunicação, não diz ao mundo o que ocorre no Ocidente europeu, não hesitando, com a maior desvergonha, em desvirtuar os factos, em mentir, em falsificar. Todavia, das entrelinhas dos despachos telegráficos, confusos e cheios de contradições, que ultimamente tem vindo a público, bem se pode concluir que não foi o povo húngaro quem, desiludido com a nova organização social que tantos benefícios anunciara, a derrubou violentamente. Muito pelo contrário, o poder do arquiduque José firmou-se nas baionetas romenas — nessas baionetas que tanto combateram quando ao serviço do exército alemão... — e no auxílio mais ou menos encoberto dos doges reunidos em Versalhes e do capitalismo de todo o mundo, para o qual a República dos Conselhos da Hungria era ameaçadora guarda avançada em plena Europa central, do bolxevismo moscovita.

Encerra a queda da comuna húngara uma alta lição que nenhum operário consciente deve olvidar: os aliados, com todas as suas afirmações democráticas, são inimigos fideis não só do extremismo proletário, mas de todas as aspirações para uma humanidade mais livre, porquanto sempre no contrarrio da marcha dessas aspirações, tentando impedir que elas se corporizem. Foi obedecendo a tal critério, que não consentiram na organização, após a queda de Bela-Kun, de um governo de socialistas moderados, acolhendo satisfatoriamente a subida ao poder de um Habsburgo, ainda que um pouco reciosos de que errados lhes saiam os cálculos, porque a restauração da monarquia húngara pode ser o primeiro passo para a reorganização do império danubiano, o que acarretaria uma situação política no centro da Europa mais ou menos idêntica à de antes da conflagração, com a diferença dos impérios austro-húngaro e alemão se encontrarem algo enfraquecidos, enfraquecimento este que não obstará, de resto, a lançarem-se num intenso trabalho de reconstrução interna, que muito longe os poderia levar.

O ostracismo da comuna húngara, é um êxito importante da burguesia na guerra de morte que promove às Repúblicas Socialistas do Oriente. Animada com essa vitória, recrudescerá de furia a sua hostilidade à Rússia, um pouco mais difícil de julgar, atentos dos seus recursos em homens e de dilatada extensão do território, que encerra uma incalculável quantidade de elementos de resistência, que muito úteis serão, como é de calcular, não escassearem vontades inteligentes que os aproveitem. E tanto mais fácil lhe é a promoção da guerra aos revolucionários moscovitas, quanto é certo que uma parte importante da organização operária do Ocidente não escande o seu indiferentismo e, porventura, a sua hostilidade aos actos desses revolucionários, actos que tudo faz crer que são animados de uma grande vontade de acertar, de uma pureza de intenção a que a História, num futuro próximo, fará inteira justiça. Ora essa hostilidade à Revolução Russa, que mais encontramos em determinados militantes operários a quem, por razões de ordem variá, arrefeceu o ardor revolucionário, do que entre as massas proletárias, é transformada em arma terrível pela burguesia, que a maneja habilmente entre os trabalhadores a fim de lhes

arrancar a convicção de que a convulsão russa é fundamentalmente socialista.

Se não fosse a atmosfera de dúvida criada por tais elementos entre o operariado das grandes potências aliadas, atmosfera de dúvida que muito contribuiu para o malogro da greve geral internacional de 21 de Julho, decerto que os aliados já teriam desistido do seu intento de irrem ditado leis, acompanhados do Kolchak e Denikine, a Petrogrado e Moscou, impondo a restauração do czar ou, quando muito, concedendo ao povo russo uma organização democrática idêntica à existente em Portugal e cujos benefícios para o proletariado a cada momento se evidenciam... Porque assim não sucede, o derrubamento da República húngara pela Santa Aliança de Versalhes, animá-la há a prosseguir na sua luta contra a Rússia, ainda que com o risco de, quando julgar a partida ganha, colher uma tremenda desilusão, porque entre os trabalhadores aliados vai lavrando o descontentamento pela indecência dos que se arvoraram em dirigentes e possível é que saltem por cima deles, fazendo um gesto de grande rotundidade.

Não queremos dizer com isto que, se o proletariado tal fizer, salve uma Revolução perfeitamente fundada nos moldes socialistas, e completamente limpa de quaisquer resquícios da sociedade burguesa, não cometendo a mínima violência. Não. Estamos mesmo convencidos de que o ardor da poleia entre a burguesia e os trabalhadores russos, terá levado ambas as partes à prática de exageros desconcertantes para nós, que não sentimos a temperatura esbozante da fornalha. A revolução maximalista deve ter bastante matéria susceptível de crítica, não sendo, de resto, para admirar que tal suceda, pois ela representa a primeira grande tentativa de Revolução Social e deve, consequentemente, estar cheia de imperfeições. Todavia, o princípio fundamental da apropriação pelo proletariado de toda a riqueza social e meios de produção, existe nela, sendo o que para nós, socialistas revolucionários, mais importa, da mesma forma que para os jacobinos dos princípios do século passado a proclamação dos direitos do Homem e do Cidadão por completo lhes fazia esquecer as ondas de sangue inutilmente derramadas pela Revolução Francesa, tam enérgicamente defendida por alguns dos homens públicos que hoje combatem a República Russa, muito menos bárbara e violenta, se puzermos de parte os relatos novelescos das agências telegráficas e confirmarmos no testemunho imparcial de homens de todos os credos, mas que acima de tudo colocam a Verdade.

Dignas eram, pois, as Revoluções russa e húngara do auxílio decidido dos trabalhadores de todo o Ocidente europeu, que deveriam de há muito ter impedido, lançando para isso mão de todos os recursos, não só o envio de expedições militares, mas ainda o abastecimento de armas, munições e viveres dos vendedores do século XX, que nas províncias bálticas e nas estepes da Ucrânia, movem guerra ao proletariado russo, guerra tam claramente reaccionária que já provocou a aproximação de bolxevistas e menchevistas; reacios os últimos de que Kolchak e Denikine nada mais queiram além da reposição brutal dos czars, o que anularia todos os progressos sociais registados a partir da Revolução de Fevereiro. Não tem os trabalhadores dado esse auxílio, não tem impedido a guerra às repúblicas socialistas, a fim de que elas, gosando dos benefícios da paz, demonstrassem de quanto eram capazes em benefício da Humanidade, torturada pelo jugo capitalista, que provoca misérias e horrores mais revoltantes, ainda que geralmente envolvidos quasi que em silêncio, pois deles poucos se fazem eco, do que os excessos de todos os extremismos, excessos prontamente v-

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Confusão

Como suceda estar o Sol incluído no Céu, confundimos nós o continente com o conteúdo, daí resultando chamarmos ao Japão Celeste Império, quando afinal ao império nipónico — usa chamar-se do Sol nascente. Confusões que, sendo já de si fáceis, quasi inevitáveis se tornam quando as faz quem as noites rabisca duas linhas apressadas, após um dia inteiro de trabalho numa oficina penitenciária. Pois pegam-nos na coisa os redactores da *Monarquia*, embora de lutas calçadas, para não magoar. E desporramos-nos nos dias explicações a respeito de história japonesa, explicações de que, franqueada a frança, e modesta aparte, não necessitávamos. Mais se prontificam os redactores da *Monarquia* a esclarecer-nos sobre as variedades que possam oferecer-se-nos, a oferta sendo parece gratuita e feita no tom conselheiral e circunspeto de quem muito se tem roçado por cabeças calvas — de sabios consagrados. A oferta cá fica registada, sendo de cortesia agradável, pois bem pode acontecer que ainda um dia tenhamos necessidade de aproveitá-la. Já o veltoso da fábula tirou proveito da ferradura achada no caminho. Ora se são as ferraduras dignas de aproveitamento, que dúvida haverá em reputar incidentalmente úteis os serviços de um burro? Ensinem-nos de lá os da *Monarquia*, em doses sobrias, a arte de se ser-se tudo em sociedade — e fora dela...

### Aquele teatro...

Nas câmaras parlamentares, a perpétua ordem do dia é faltar o número para se tomarem deliberações. Por um lado, o calor aperta e tanto a deputado como a pares se torna massador suportar a canícula na permanência aturada do palco de S. Bento. Por outro lado, os pais da pátria acham certas vezes mais rendoso negociar cá fora que lá dentro. De maneiras que não havendo número em S. Bento, deixa de realizar-se o espectáculo na maior parte dos dias. Aflição-se com isso mundo e meio. A nós, porém, que não gostamos de revista, passa-nos o facto indiferente, para não dizer que com êle nos regosiamos. O repertório é visto; os actores elifios; as peças do cartaz nada variam. E só não quebra a empenha totalmente, dado que há subsídios garantidos. Pois não há espectáculo em S. Bento a mór parte dos dias. Um dia a menos de actividade dos estrárgicos comediantes poupa a grei às consequências de uns tantos disparates. Não haver parlamento um dia, um mês, um ano, um século? Quem dera!

### Sonata Heroica

Assim se chama uma recente produção poética de um moço integralista, dedicada «aos vencidos de Monsanto». O órgão respectivo lá vem com o competente reclame à poesia, dizendo que «no ritmo desta estrofe o mais ardente patriotismo». Na corridela de Monsanto estremece realmente o patriotismo de muitos adoráveis moços que desprecavidamente na alçada se meteram; e parece mesmo que não foi o patriotismo a única coisa a tremer-lhes na atropalhada conjuntura. Mas de que constará a inspirada composição poética do talentoso jovem? — interroga discretamente a nossa curiosidade. A *Monarquia* dá a estampa uma simples quadra, uma quadra única, que é, sem embargo, de um realismo altamente evocativo. Começa assim:

No monte sacro o tiroleto esvoaçava...  
O tiroleto esvoaçou, de feito, nos aventurosos dias de Monsanto, daí resultando um pronunciado cheiro a polvorosa seca. Mas não partia, como ao poeta se afigurou, do Sacro. Era de um pouco mais abaixo...

## OS DEPORTADOS

Quando regressam os operários que ainda ficaram em Africa?

Prometeu o governo, quando chegou o primeiro grupo de deportados, que promoveria o mais rapidamente possível o regresso dos proletários que tinham ficado, não sabemos bem porque dificuldades burocráticas, em Louisa. Algum tempo é decorrido após a volta desses camaradas, e ainda tal promessa não foi realizada. Por isso, hoje de novo lembramos que ainda não cumpriram integralmente o que foi assegurado ao Conselho Jurídico da U. O. N., sendo de evidente justiça a restituição ao seu labor e a suas famílias, desses homens, que o dezembrismo, devido ao movimento nacional contra a carestia da vida, movimento que teve o seu desfecho na greve geral de 15 de Novembro do ano findo, arremessou para os horrores do degredo em Africa.

pagados o exagerados pelos serventários das classes privilegiadas.

Em consequência dessa falta de apoio, a comuna húngara acaba de baquear. Se esse primeiro êxito animar as forças reaccionárias, levando-as a lançar-se na batalha final aos trabalhadores do Oriente, muito terão a lamentar no futuro todos os que almejam uma sociedade mais equitativa e igualitária, a criminosa falta de acção dos operários da França e da Inglaterra sobre quem impendem neste momento, da mesma forma que no início da guerra sobre os da Alemanha, tremendas responsabilidades.

## OS FORÇADOS

## Gente do fogo...

### A FORNALHA

O chegado que abandonará o colchão do beliche para guiar lá baixo, junto aos seus camaradas do fogo, é um homem alto, tostado, braços compridos e musculatura angulosa, com uns olhinhos nostálgicos, a furarem a camada de fuligem que lhe mascara o rosto. Enfiámos por um corredor estreitíssimo, penumbroso e, no trajecto, a sua voz, de um timbre rachado, denuncia-me um como que sotaque de classe, adquirido com a instalação de perigosos catarrhos.

Ganhada a escolilha — um postigo esguio aberto para os saguãos do barco — deixo-me escorregar por uma escada de ferro, estreitíssima, quasi a primeiro salto sobre um novelo de tubos, atravessando uma ponte como uma grelha e, em baixo, sob os pés, através dos interstícios, avisto a casa da máquina, engastada sob um complicado jogo de escadas e passarelas.

Estremeço. Sobre daquele todo de aço polido, pingando óleos e fumeagando vapor, uma finíssima sugestão de

caldeiras, que deixei há pouco, sem saber como.

Tenho a impressão de que despetei de um pesadelo; de tal modo aquilo briga com a realidade, tam horrendo é o condicionalismo da labuta daquela gente.

Enfiados no fundo do navio, sob uma atmosfera esquentada por oito horas de fogo, o calor, reflectindo-se em todo o perímetro com dimensões de cárcere, aqueles homens não estão somente como condenados, constrangidos a suportar o câlido ambiente, numa atitude passiva de moribundos.

Eles desenvolvem uma energia ciclópica, desconhecida, disseminada no escuro, abafada pela inferneira das máquinas, que barulham em cima.

Como se não bastasse a tortura da permanência, eles fatigam-se num labor incessante, que só por si, ao ar livre, reduziria o descanso a um resfolegar de bestas extenuadas.

Trabalham semi-nus e nem sequer o espaço permite uma liberdade de mo-



Um homem vigia o fogo de duas fornalhas e outros estíre a combustão...

força latente, prestes a rebentiar numa catástrofe formidável.

Tudo aquilo oscila, range, trepida, numa zuada, num chocalhar metálico que arripia.

Próximo das «cambotas» parece que uma daquelas hastes, esticando os movimentos de vai-vem, me arpeará o

travão, acabando comigo num trituração de ossos e num espirito de sangue.

E a desdida continua. Começa a escurecer e a apertar o calor.

Agora o lam-tam das máquinas repercutindo-se pelos caixotes metálicos do todo fornelhão de «bancas», ventilo-dores e rebabos dos compartimentos superiores, chega cá baixo engrossado, numa barulheira trágica, de mau agouro.

E como se pesados caixotes, num fragor de borrasca, bolassem sobre torrentes impetuosas, arastando tudo, e desconjuntando-se de encontro às amuradas.

E a desdida prossegue sempre, sob um calor mais denso, guiada pelo chegado, que é agora uma silhueta, deslizando no escuro, saltando tubos, torcendo grandes massas negras, fuliginosas.

Mais um lance de escada, e depois é horrível o quadro.

Em baixo, como numa fossa que desse passagem para o inferno, sombras moveidas emergem do escuro, lívidas, espectrais, resurgindo da treva sob claros fosforescentes.

Breve, dissolvem-se na negrura, que volta a dominar tudo, até que novos sacris jurjam em legue, luzentes, fantasmagóricos.

Parece que aquele caixote negro é antecâmara do inferno, e que de tempos a tempos uma fúria rebelde ilumina uma leva de condenados, já divorciados do mundo, cumprindo ali o seu tortante noviciado.

Esqueço o chegado, e a aragem esquentada que sobe de baixo; dou uns passos para me precipitar a ver a cara daquelas sombras e, subitamente, sinto-me agarrado, e logo uma voz admirada:

— Quere ir lá baixo?  
— Está claro que sim.  
— Não sei se aguentará... Em todo o caso, tome lá isto.

E oferecem-me um bocado de des-

vimentos, que lhes varie a tarefa rude, monótona como uma agonia.

Atravancando o já diminuto recinto, dois massigos negros como colinas de fuligem, erguem-se imponentes, opressivos, deixando entre si um corredor com seu que de gruta ou catacumba.

Atraz e a frente, a curta distância, uma cortina negra também, formada pelo



E eu estou a ver ainda homens que até ali não tinha distinguido, rompendo do escuro, com carrinhos de mão.

paio!, com um ralo em baixo, por onde o carvão espreita o fogareu que lhe fica em frente.

No intervalo que media, um homem, junto à extremidade de cada massigo, vigia o fogo de duas fornalhas, e os outros, de igual modo, activam a combustão, que os arrasa a todos, num manejar de ferros que é um martírio agudíssimo.

Um dos ferros é uma alavanca comprida, pesadíssima, que horizontalmente não cabe entre a boca do brazeiro e o paio que lhe fica em frente. Então o fogueiro, encurralado entre o depósito de carvão e as bocarras ígneas, candeantes, das fornalhas, a revolver a espaços, ora uma ora outra das duas bocas de fogo a seu cargo, fá-lo com um levantar de braços, empurrando obrigamente a pesada alavanca, que vai baixando lentamente à medida que as brazas vão sendo mais profundamente remexidas.

A espaços, a limpeza dos cinzeiros ameaçando assar aquela gente. O chão ilumina-se, invadido por uma massa fofocenta. Depois são os chegados apagando-a a baldes de água, sumindo-se na fumaceira branca que os envolve e que às vezes os queima. E quantas vezes esta tarefa de apagar as brazas não é intróito dum sacrifício ainda mais horrível...

Um tubo rompe-se, a fornalha é liberta do fogo, e lá vão eles repara-lo, enfiando pela guela sôfrega, esquentada, cuja «tiragem» é um sópro,

## UM ALVITRE

## Um empreendimento arrojado mas de execução certa... se o proletariado quizesse

O nosso camarada Eduardo Freitas, administrador de *A Batalha* e um dos mais dedicados e incansáveis amigos deste jornal, que relevantes serviços deve à sua actividade pouco vulgar e apreciável energia, entregou-nos uma carta, dirigida a esta redacção, apresentando um alvitre, para que a publicássemos nestas colunas.

Levado pelo seu temperamento exuberante de entusiasmo e arrastado pelo calor com que acarinhou a sua excelente ideia, alongou-se demasiadamente na do o-escríptulo que temos em interpretação, tornando-a de tal modo extensa que publicá-la integralmente, neste momento em que a falta de papel nos obriga a uma luta ingente e dolorosa, poderia fazer supor um privilégio a um amigo e a um íntimo da casa, quando original de outros camaradas se sujeita a uma quarentena sobre as nossas carteiros ou sofre a mutilação que a falta de espaço impõe.

Assim, e por certo com a gostosa complacência do seu espírito razoável, aqui e ali, alguns dos seus trechos quando o o-escríptulo que temos em interpretação, tornando-a de tal modo extensa que publicá-la integralmente, neste momento em que a falta de papel nos obriga a uma luta ingente e dolorosa, poderia fazer supor um privilégio a um amigo e a um íntimo da casa, quando original de outros camaradas se sujeita a uma quarentena sobre as nossas carteiros ou sofre a mutilação que a falta de espaço impõe.

## A casa dos trabalhadores

O camarada Eduardo de Freitas alvitra a construção de sede própria para a U. O. N. e para as instalações de *A BATALHA*

Como muito bem nota o nosso amigo Eduardo Freitas, a organização operária portuguesa encontra-se péssimamente instalada. Obrigada a abrigar-se em casa de aluguer, é difícil encontrar edifício com o número e vastidão de compartimentos que as suas instituições exigem. Dada a especulação desenfreada dos senhorios e a falta de casas grandes que se faz sentir em Lisboa, nunca, como no presente, menos possível se nos antolha a obtenção, por aluguer, de um edifício que permita a instalação conveniente dos sindicatos, das escolas e do órgão na imprensa do proletariado organizado. E dado o incremento que a organização operária tem tomado, e dada ainda a necessidade urgente de desenvolver as instituições existentes e de pôr em execução as que, até agora, só tem vivido no nosso cérebro e no nosso coração, nunca como neste momento, a necessidade de uma casa ampla, com todas as condições requeridas, se tornou tão sentida.

A sede da Federação da Construção Civil, onde hospitaleiramente estão instaladas a U. O. N., a U. S. O. de Lisboa e *A Batalha*, sendo deficiente já para aquela Federação, não permite o alargamento daqueles organismos pela cedência de mais salas. E, no entanto, bem necessária se torna uma instalação mais ampla. *A Batalha*, para só deste jornal falarmos, tem as suas oficinas de tipografia, redacção e administração mal acomodadas, em recintos apertados. O trabalho torna-se difícil, incomodo e os seus resultados resentem-se desta circunstância. Pela expansão que adquiriu já e ainda pela que precisa, deve e pode adquirir, *A Batalha* necessidade de máquina de impressão, oficina de esteriopagem e casa de venda próprias. Como diz, com acerto, o camarada Eduardo de Freitas, a maior parte das deficiências e irregularidades que as camaradas notam em *A Batalha* derivam da insuficiência do seu material, das condições em que é manufacturado e de como o trabalho é executado.

A instalação dessas oficinas, bem como a ampliação das que existem, é impossível dentro da sede da Federação da Construção Civil, mesmo que esta pudesse ceder mais algumas das suas salas. A mudança de sede difícil se nos tem deparado por não se encontrar casas nas condições desejadas, ou por as que se encontram serem negadas pelos proprietários à organização operária. E esta dificuldade, proveniente da atitude dos capitalistas para com o operariado organizado, será, de futuro, cada vez maior. Não nos reste, sobre isto, a mais pequena dúvida.

Todas estas razões, facilmente compreendidas por todo o operariado, levaram o nosso amigo Eduardo Freitas a pensar na construção ou na compra de um edifício próprio para as instalações de *A Batalha*, com os seus respectivos maquinismos, e para a sede da U. O. N., da U. S. O. e mais instituições criadas e a criar pela organização proletária.

Utopia! exclamariam os scépticos, os tímidos, os imponentes. Mas utopia porque? — pergunta Eduardo de Freitas. A revolução social iniciada na Rússia, ainda há quatro anos considerada como uma possibilidade longínqua não está já batendo-nos à porta? A Confederação do Trabalho Nacional não era em 1914 apenas uma aspiração e uma zuada trágica como um ralo de morte.

Toca o ferro. E' o sinal para render o turno. E eu estou a ver ainda homens que até ali não tinha distinguido, rompendo do escuro, com carrinhos de mão. Logo, a passagem de rostos lívidos, tressuando, um deslizar de sombras, e depois a chegada ao rancho — um acanhado cubículo, atravancado de beliches, de utensílios de cozinha, e um balaço humano — e em seguida o baquear de corpos que se abandonam lassos como farrapos, e que de humanos só tem a respiração ruidosa como um estertor.

Eduardo FRIAS

N a reabertura das cortes espanholas

MADRID, 18. — Ainda não está dia marcado para a reabertura das cortes, que depois da prorrogação do orçamento ficou em férias. — H.

A greve ferroviária nos Estados Unidos

WASHINGTON, 19. — Terminou a greve nas oficinas dos caminhos de ferro. — H.

Mortos e feridos

KATOWITZ, 18. — As fábricas estão funcionando, estando a exploração assegurada pela engenharia. A agitação spartaquista aumentou na ocasião em que num poço de Myslowitz foram encontrados 4 mortos, ficando nessa ocasião feridos 4 pessoas. — H.

Ver na 2.ª página: Sindicalização obrigatória

te momento em que a falta de papel nos obriga a uma luta ingente e dolorosa, poderia fazer supor um privilégio a um amigo e a um íntimo da casa, quando original de outros camaradas se sujeita a uma quarentena sobre as nossas carteiros ou sofre a mutilação que a falta de espaço impõe.

Assim, e por certo com a gostosa complacência do seu espírito razoável, aqui e ali, alguns dos seus trechos quando o o-escríptulo que temos em interpretação, tornando-a de tal modo extensa que publicá-la integralmente, neste momento em que a falta de papel nos obriga a uma luta ingente e dolorosa, poderia fazer supor um privilégio a um amigo e a um íntimo da casa, quando original de outros camaradas se sujeita a uma quarentena sobre as nossas carteiros ou sofre a mutilação que a falta de espaço impõe.

Porque, pois, o local próprio para a central dos sindicatos portugueses há de ser uma utopia? Não. Poderá ser um empreendimento arrojado, mas de possível execução, de fácil e expedito êxito, se o proletariado quizer. Esta convicção tem-na o alvitrate em absoluto quando escreve:

Porque não há de o proletariado de todos os mistérios realizar um gesto ingente, formidável, contribuindo para se reunir uma grande soma com que fazer face à compra ou construção de um edifício com todas as instalações, maquinismos, etc., indispensáveis a um grande jornal, a um poderoso baluarte, que possa arrostar com todas as perseguições do Estado e suas oligarquias? — Porquê?... A razão é simples: porque não se tem o direito O proletariado de hoje já é uma grande força, não somente a que provém dos seus braços desarmados, que a burguesia tem desamadamente explorado, mas a que dimina da sua consciência de proletário, do seu espírito conquistador e progressivo.

O operariado não ignora que *A Batalha* representa hoje no mundo operário o seu sentir e o seu pensar. O operariado sabe quanto tem de se sacrificar para defender, por intermédio do seu representante na imprensa, os direitos limitados que lhe assiste a dentro desta sociedade egoísta.

Admirável e prestígio, como se tem podido manter este jornal, atendendo-se a todos, sem excepção, tem contribuído eficazmente para o progresso de *A Batalha*. Ao tomar, pois, a iniciativa de propor ao proletariado mais um enorme esforço, para uma manifestação colossal de solidariedade, mais uma esplendorosa demonstração de amor dos trabalhadores portugueses pela sua organização, faço-o com a maior convicção de que não apresento uma ideia utópica, filha dum optimismo exagerado. Alvitro, e sinto-me seguro, que o êxito absoluto. O operariado tem de aceitar a convicção de que foi e é honesta a aplicação dos seus magros recursos, corajosamente aplicados a *A Batalha*. E dessa certa convicção, e dessa indestrutível verdade, radica-se em cada trabalhador o amor ao seu jornal. Ao seu jornal, sim, porque *A Batalha* não é de um grupo, não pertence a *A* ou a *B*. Sendo de todos, da U. O. N., é de todo o operariado, de todo o povo trabalhador, enfim.

O meu brado não vai convencer-se os tímidos, enfiados pesadamente na miteria do público. Não! Ele, bem ao contrário, vai fazer sentir aos governos e a todos os seus acólitos que a honestidade, a alvitre e a firmeza com que *A Batalha* tem cumprido o seu dever, impuzeram no afecto e no respeito das classes trabalhadoras do país inteiro, e que hoje o jornal dos trabalhadores assim como a U. O. N., são instituições queridas e respeitadas por essa grande família que trabalha, que sofre e sabe amar-se.

Com esta fé comunicativa apresenta Eduardo de Freitas ao proletariado o seu alvitre. Mas como, segundo o alvitrate, será possível, será praticável a corporização da sua ideia?

«Como obter os avultados meios pecuniários necessários à construção de Casa dos Trabalhadores?

O próprio Eduardo de Freitas diz-lo já amanhã.

Uma revolta spartaquista

Os revoltosos tentam tomar conta do poder

BERLIM, 18. — A agência Wolff recebeu um telegrama de Katowitz, dizendo que, no distrito de Nless, alguns bandos polacos tentaram apoderar-se do poder, mas fracassaram quasi por toda a parte. Em Rapotzu os revoltosos conseguiram desarmar uma bateria. Foram mandadas forças militares a fim de reprimirem a insurreição. — H.

Mortos e feridos

KATOWITZ, 18. — As fábricas estão funcionando, estando a exploração assegurada pela engenharia. A agitação spartaquista aumentou na ocasião em que num poço de Myslowitz foram encontrados 4 mortos, ficando nessa ocasião feridos 4 pessoas. — H.

Ver na 2.ª página: Sindicalização obrigatória

Notas e impressões



NOTAS E IMPRESSÕES CIDADE CIVILIZADA

A linda e porca cidade, que os exércitos de Henrique de Castela um dia invadiram e incendiaram, quando o rei formoso se abandonava voluptuosamente às carícias de Leonor Teles, na nobre cidade de Santarém; esta Lisboa famosa que Afonso Henriques empalhou aos muros num golpe de audácia e de fortuna; a remota Olysipto de Viriato, que o imperador Augusto submeteu com mão de ferro, acaba agora de ser julgada à causa da delatância e do acio pelos novos Augustos, que tarde e a más horas resolveram brunir a encantadora cidade marroquina, que a porcaria invadida e o estéril ataponel.

Acho bem que a nobre e mai lal vista roupa decente, lavadinha e passada a ferro, embora passajada, já não foi sem tempo. Está a polícia, a nossa cavante e amável polícia, encarregada de passar-lhe uma lustrada e o polimento, e de como ela tem desempenhado a sua nova missão, começam dizendo os protestos de várias pessoas atingidas pelas recentes medidas. Isso, porém, não tem importância alguma; são desabafos de criaturas biltosas, mal educadas e mal costumadas que só se sentem bem fazendo barulho. Lisboa, a formosa, debregando-se languidamente sobre o leito azulado do Tejo tranquilo e sorridente; contemplando do alto das suas majestosas colinas os montes escavados da Outra Banda, inundados de sol e de gerícios, onde Teles Jordão fez das suas, e onde, segundo falam as crônicas, depois de morto, as mulheres lhe deceparam o sexo; a Lisboa, bela e miserável, que viu, indifferente, morrer Camões, e ofereceu generosamente o gasnete das forças miguelistas, estava, na realidade, precisadíssima de que lhe lavassem os pés, que na cara já ela usava crenhe Simon por cima do chulé.

As suas ruas foram sempre um montão, os prédios uma nojeira, as escadas uma bodega, as casas um chavascal e os habitantes uma vara de porcos. Verdade seja que nunca ninguém se importou com a hygiene da lisboeta. Deixaram-nos sempre entregue à sua iniciativa, e todos sabem que ele não foi nem para iniciativas, dando em resultado que já depois de crescidinho lhe acontecesse o que costumava acontecer aos miúdos, que a mãe deixava à redea solta diante dum tacho de papas.

O hábito da sujidade e dos maus costumes enraizou-se-lhe, sem que se pensasse em o modificar senão agora. Ora, os costumes são como as ideias: quidem-se muito mais facilmente do que se expulsam, e não será de admirar que dentro em pouco se não vejamos as ruas com um dilúvio de queixas contra os que pretendem metê-lo na ordem. A diz a sabedoria que o hábito é uma segunda natureza. Entre os portugueses, porém, o hábito foi de tal forma recolhido e consagrado que já não é segunda mas sim primeira natureza.

Querem obrigá-lo a ser meninos bonitos e de boas maneiras, e no cumprimento das ordens recebidas, a polícia desandou a autear este mundo e o outro: os garotos que saltam aos carros; os donos de caixotes de lixo, que estão

A BATALHA Vida Sindical

**COMUNICAÇÕES**

**Federação da Construção Civil.**—Comissão Inter-Sindical.—A comissão permanente deste organismo procurou o chefe do gabinete do ministro do comércio, a fim de serem reintegrados os operários que, tendo sido transferidos das obras do castelo de S. Jorge para outras obras do Estado, foram dias depois despedidos sob a acusação de bolxevistas.

Julgava a comissão que o assunto ficasse resolvido ontem, a bem dos operários, porquanto o funcionário acima apontado isso tinha afirmado, desde que os encarregados das obras, onde ultimamente os operários trabalhavam, dissessem que os aceitavam nas referidas obras.

O chefe do gabinete do ministério do comércio, negou-se a receber a comissão, alegando os seus muitos afazeres junto do ministro, mandando dizer pelo contrário que tendo conferenciado com os encarregados das obras, estes lhes tinham dito que não admitiam os operários despedidos. Não sabia o chefe do gabinete, nesta altura, que a comissão já a munida de documentos passados pelos mesmos encarregados, em que se prova o contrário do que o chefe do gabinete afirmava. A comissão tem os documentos, arquivados e toma a responsabilidade de dizer que o chefe do gabinete faltou à verdade, porquanto nesses documentos os encarregados das obras afirmam o bom comportamento dos operários e declaram estar prontos a recebê-los no trabalho.

A comissão está apreensiva com o caso, pois desde que dele começou a tratar, verificou o jogo de empurra que se tem feito, porquanto o secretário particular do ministro, sr. Santos, dizia que o comandante da guarda republicana aquartelada no Castelo, tinha oferecido ao ministro dizendo-lhe não quer a fazer-lhe pelo meio da rua, como bestas—e o modo como irá resolver a limpeza do Rossio, do lado da Mónica, cheio até às bordas, das 21 às 24, a pontos dum paco passeante levar quasi a hora e meia a ir da Maison Blanche ao teatro Nacional.

Eu tenho um ódio himalayano às autênticas representantes da beleza fenícia—não o nego—porque elas roubam-nos descaradamente e ainda por cima nos insultam, coisa que não fazem aos ricos, pertencendo elas à classe numerosa da sub-gente. Tenho-lhes ódio—confesso. Mas concordo que elas, por andarem carregadas, tem mais direito a seguir com a canastra pelos passeios, do que os patetas que enchem as ruas com a sua imbecilidade e as suas asneiras. E' preferível morrer-se atropelado em colinho bem feito e de mãos a abanar do que com dez ou vinte quilos à cabeça. Eu, por mim, prefiro chegar ao meu 5.º andar, com a farpela em salmoura do que esbarrar uma vez só com essa malta de madraços e idiotas, cujo lugar é no meio da rua, visto que tem tanta imbecilidade e tanto critério como as bestas que por aí vem a puxar as carroças da cerveja. Essas, no menos, ainda tem algum préstimo.

Antero de LIMA

**EM VOLTA DUM PROJECTO DE LEI**

**SINDICALIZAÇÃO OBRIGATORIA**

**A VITALIDADE DO SINDICALISMO ASSENTA EM PRIMEIRO LUGAR, NA FORÇA DA ORGANIZAÇÃO QUE LHE SERVE DE BASE.**

Assente que todo o interesse do parlamento seria o de desmanchar as forças organizadas do proletariado, apremios, sob uma forma geral, os intuitos que animariam o dr. Camoases, ao apresentar o seu projecto sobre sindicalização obrigatória.

A vitalidade do sindicalismo assenta, em primeiro lugar, na força da organização que lhe serve de base.

Sob este ponto de vista, o projecto daquele deputado viria em reforço da mesma organização, posto que, por aquele meio, todos os operários seriam forçados a ingressar nos sindicatos.

Ora tendo o Estado toda a conveniência em destruir as forças sindicais, só as aceitando precisamente porque são, já agora, forças indestrutíveis—mau grado seu.—o autor do projecto vai de encontro àquela conveniência, pretendendo que o parlamento vote uma lei com a execução da qual se robusteceria ainda mais a força que, no terreno dos factos, o há de substituir.

Se a doutrina do projecto fosse pura e simplesmente assim, o seu autor estava deslocado, pois não há instituição governamental alguma que forje, voluntariamente, o instrumento que a há de derrubar, como não há um seu componente e serventurio confesso que se proponha contribuir, propostada e conscientemente, para a queda da instituição que devotadamente serve.

Por conseguinte, o referido projecto de lei obedece a uma manobra. O autor não o diz, é claro. E' suficiente mente inteligente para mascarar a sua intenção. A inteligência do político não está em falar a linguagem compreensiva da verdade, mas em saber esconder a mentira com habilidade, dando-lhe toda a aparência de valor real e verdadeiro.

Quando, em França, o sindicalismo principiou a definir-se e a desinteressar-se das luctas políticas, actuando independentemente da acção do partido socialista, fôra do patronato e contra ele, fôra do governo e contra ele, tendo em vista a emancipação operária, Waldeck-Rousseau, democrático de parceria com Millard, socialista, ambos inteligentes e habilidosos, imaginaram uma manobra destinada a deslocar o sindicalismo da sua trajectória natural, desviando-o para o aniquilar, ou, pelo menos amortecer.

Cada um deles actuaria por seu lado. Enquanto Waldeck-Rousseau procurava por uma sabla lei, dar aos sindicatos capacidade comercial, Millard procurava, por intermédio dos guesdistas—quando não pela sua influencia pessoal

A BATALHA Greve Ferroviária

**A despeito das manobras da Companhia, e das suas falsas afirmações, a greve prossegue com redobrada energia**

A despeito das tendenciosas informações dadas a público na imprensa burguesa e fornecidas pela C. P. e pelo governo, no intuito de quebrantar energias e desmoralizar e desfigurar o movimento, a greve ferroviária mantém-se no mesmo pé.

A Companhia, num já característico desprezo absoluto pelos interesses do público, mantém-se na sua insensata intransigência, recusando a qualquer que seja a sua melhoria de situação de que ela seria, afinal, a mais beneficiada, pela boa disposição que criaria no seu pessoal. Revela, porém, acanhado critério de teimosia e, para não conceder modestas regalias que poderiam representar poucas centenas de contos, tem estado a sacrificar milhares deles num capricho que já dura há 50 dias.

Os obrigacionistas e acionistas que lhe agradeceram a boa demonstração de tacto administrativo.

Quando ao governo, esse encontra-se amarrado à resolução impulsiva do sr. S. Cardoso, que é de crer já se tenha intimamente arrependido de a haver tomado, mas que não quer ou não pode, pela força imperiosa das conveniências políticas, fazer público acto de contrição. E, assim, enfileira ao lado C. P. na sua indifferença pelas conveniências do país que s. ex.ª pretende vencer-nos que aprova a conduta do governo neste grave conflito, como se s. ex.ª pudesse estar convencido de que o país se encontra dentro das paredes das várias associações comerciais, dos sindicatos agrícolas ou das corporações administrativas, que apenas cuidam, umas dos seus interesses restritos, outras das suas conveniências partidárias.

Para satisfação das reclamações de carácter económico apresentadas pelos ferroviários propoz a respectiva comissão de melhoramentos um leve aumento da sobre-luxa a cobrar pela C. P. aumento que, se era grande, considerado em globo, resultaria um detalhe tão insignificante para o grande público, que este de certo o aceitaria sem protesto, principalmente sabendo que iria beneficiar cerca de nove mil famílias pouco menos do que famintas.

Pois, nessa altura a C. P. arrancou lá muito do fundo os sentimentos humanitários, e recusou-se a aceitar esse aumento com os pretextos habilmente explorados de que ele redundaria num agravamento importante do custo da via e do perigo de ver-lhe fugir o tráfego, ameaçado de concorrência marítima, pretextos que extremamente fácil será demonstrar, serem... apenas pretextos.

Isto é, as razões apresentadas quando se tratava de beneficiar a situação do proletariado da C. P. já não tem valor quando se conta que esse aumento de receitas apenas aproveite aos cofres da companhia!

O público, o verdadeiro público, que medite nesta contradição; e convença-se há de que a greve se tem mantido, não pela intransigência dos que tem a necessidade e o direito a mais um pouco de pão, mas sim pela teimosia dos que pensam apenas nos seus inconfessáveis interesses.

**Nota oficiosa do Comité Central**

Ainda temos uns quatro mil camaradas em luta e eles sabem morrer ou vencer. Com a apresentação de alguns empregados de trem, a Companhia embandeiria em arco e diz que está tudo regularizado. Mas nós afirmamos que enquanto estivermos neste pé não abdicamos.

Continuação das infâmias feitas pela tropa aos ferroviários. Dois presos que chegaram à estação do Rocio, foram esbofeteados pelo alferes comandante da força. Assaltos feitos pela Segurança do Estado, de madrugada, às residências sem se respeitar as alcovas.

Os roubos nas oficinas, gerais aos factos e às ferramentas dos operários. As camaradas que andaram no vagon-fantasma 24 horas sem comer dando-se-lhe como refeição pão póde e insultos dirigidos por um capitão; os soldados valendo-se da sua força, enxovalham uma viúva na presença dos filhos; os soldados fazem fogo dentro das carruagens.

Um oficial percorre uma povoação com uma filhinha dum grevista de 5 anos para que ela lhe diga onde está o pai, um camarada preso há 8 dias a pão e água por se recusar a ser traidor.

Soma e segue. O público que comente.

De Gaia dizem-nos que ali está tudo firme, como sempre.

Do Entroncamento nem se fala, pois que ninguém poderia duvidar de tanta nobre gente. Já metamorfoses, ficando os mandos mais uma vez olhando para tanta união. A greve é sempre greve! Em Alfaiates, como sempre, estão firmes, aguardando que o governo e companhia cheguem a um acordo.

Conservai-vos, camaradas conscientes, que sabem cumprir os seus deveres, ainda na luta, porque moralmente não se perde, e materialmente a vitória há de ser um facto ainda que com transigências.

Para a frente até que este comité vos diga ao trabalho!

Viva a greve!

**O Comité Central**

**Nota oficiosa do Sindicato**

Tomamos a responsabilidade de afirmar de uma forma categórica, que mais uma vez, como de resto sempre o tem feito, embora habilidosamente, a C. P. ludibriou o governo com as suas fantásticas informações, pois que é absolutamente nua que se tenham apresentado o não menos fantástico número de maquinistas que a C. P. anuncia no telegrama enviado ao governo.

E' verdade que adormecidos pelo vício que em Lisboa ninguém conseguiu ministrar, a C. P. obteve que no Entroncamento fossem enganados 2 maquinistas e 2 fogueiros, mas garantimos que abandonaram o trabalho desde hoje.

Fica assim provado a sãciedade que

Últimas notícias

**NA INGLATERRA**

**Lloyd George discursa**

LONDRES, 19.—Discursando na Câmara dos Comuns a respeito da situação económica, industrial e mineira, o sr. Lloyd George disse que se propõe sacudir a apatia a fim de que a diminuição das horas de trabalho não arraste consigo a diminuição da produção e sobretudo a produção do carvão, o que é preciso garantir. Quanto à questão da taxa do cambio o governo não fará mais nada a não ser o próprio as medidas convenientes para evitar o afundar ao mercado inglês das mercadorias estrangeiras fabricadas a baixo preço devido a salários inferiores ou a subsídios dos governos.—H.

**O encaregado dos negócios britânicos no México**

LONDRES, 19.—O sr. Cummins, encarregado dos negócios da Inglaterra no México, que recebeu ordem do presidente Carranza para se retirar ainda não voltou. A França e a América intervieram no caso, e é de notar que a Inglaterra nunca reconheceu o presidente Carranza e que a missão do sr. Cummins não é oficial.—H.

**Segundo Lloyd George da questão da Turquia depende o futuro da Inglaterra**

LONDRES, 19.—O sr. Lloyd George disse na Câmara dos Comuns que a questão da Turquia é a mais interessante para a Inglaterra, pois da sua solução depende o futuro da Gran-Bretanha; e terminou afirmando que é preciso reduzir as despesas públicas e participar sem contemplação; é preciso aumentar a produção; é preciso restabelecer a mútua confiança entre patrões e operários.—H.

**A greve dos ferroviários belgas**

BRUXELAS, 19.—A questão da greve dos ferroviários ainda está pendente de solução definitiva, a qual deve ser dada na próxima quarta-feira; se não for, porém, inteiramente favorável aos desejos dos ferroviários, então declarar-se há em greve no mesmo dia.

**NA ALEMANHA**

**Mantem-se a greve dos empregados dos Bancos**

BERLIN, 18.—As negociações entre os banqueiros e os seus empregados não deram resultado algum. A comissão de conciliação, designada pelo ministro do trabalho, profere a sua sentença na próxima semana.—H.

**Sindicato Único Metalúrgico**

**Apelo aos operários da indústria**

Encontrando-se em greve há já três semanas as camaradas soldadoras de três fábricas de conservas na Outra Banda, operários sindicados neste organismo e tornando-se necessário auxiliá-los para que não baqueiem ante a exploração patronal, este sindicato apela para a solidariedade de todos os metalúrgicos, a fim de que esse auxílio seja um facto, requisitando listas de queques para serem distribuídas por todas as oficinas até amanhã à noite, na sede desta colectividade, as quais poderão ser entregues a camaradas que se apresentem como representantes do pessoal das oficinas.

A classe dos soldadores é bem merecedora dessa consideração, pois tem sido uma das que melhor tem compreendido os deveres de solidariedade.

**NO PALCO PARLAMENTAR**

**Legislando para os outros**

**DISCURSOS, LARACHAS & VOTAÇÕES**

**MENÚ: A anexação da freguesia de Vale de Cavalos ao concelho de Alpiarça—O sr. Costa Júnior propõe o fornecimento de canhões aos cetaceofobos**

**DEPUTADOS**

Preside o sr. Mesquita de Carvalho. As 15,15, com a presença de 50 deputados, foi lida a acta da sessão anterior.

O sr. Francisco Cruz mandou para a mesa um projecto de lei considerando nulo e de nenhum efeito o decreto que anexou a freguesia de Vale de Cavalos ao concelho de Alpiarça. Pede para láis urgência e dispensa de regimento.

E' aprovada a primeira e rejeitada a segunda, assim como o pedido de se fazer votação nominal.

O sr. Costa Júnior enviou para a mesa um projecto de lei permitindo o emprego de um pequeno canhão de 20 mm. nos indivíduos ou sociedades que se empreguem na pesca de cetaceos nas costas do território da República.

O orador pergunta depois ao ministro das finanças qual a causa da baixa dos cambios que as medidas que pensa tomar para regularizar a situação financeira do Estado, a Agência Financeira do Rio de Janeiro tem feito grandes transacções de fundos e que uma companhia pretende o monopólio de alguns géneros indispensáveis à vida e de facilitar um empréstimo ao governo.

O ministro da marinha manda para a mesa algumas propostas de lei, para as quais é aprovada a urgência e rejeitada a dispensa do regimento para um projecto de lei, elevando a 2.ª classe para os efeitos da lei de 30 de Maio de 1916 o distrito administrativo de Aveiro.

O ministro das finanças responde ao sr. Costa Júnior, dizendo que não tem nestes tempos a possibilidade de fazer a substituição de cambiais na praça. O Estado está suficientemente deficitário com as suas disponibilidades em ouro. A baixa cambial só pode atingir a joia, que sempre se fez e não de cambiais do Brasil, feitas por intermédio da Agência Financeira, excederem toda a expectativa, fustigando-se mais um terço do que o previsto no contrato. Termina, dizendo que por todas estas circunstâncias, o cambio há de melhorar.

O ministro do trabalho pede que entre imediatamente em discussão o parecer n.º 41 sobre a sua proposta de lei destinada a manter o subsídio de cem contos mensais para acudir a situação difícil em que se encontram os estabelecimentos de assistência, especialmente a Providoria e a Casa Pia de Lisboa.

Foi em discussão e aprovada sem reparos.

O ministro das finanças pede que se discuta o parecer n.º 22 sobre os duodecimos, que é aprovado.

O sr. António Granjo diz que o sr. ministro das finanças, deixando a aprovação



As 21,30—Hoje, às 21,30, a opereta em 2  
actos a "Viuga Alegre," em Cascais e um  
resplumbrante acto de variedades.



# "A BATALHA"

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração

CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º

Lisboa - PORTUGAL

Endereço telegráfico - Talha - LISBOA

## ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, 600—Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 8 meses, 1.470; 6 meses, 3.440; 1 ano, 6.880. Territórios da União Postal: 6 meses, 5.480; 1 ano, 10.960.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância. A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é acrescentada ao preço da assinatura.

### ANÚNCIOS

Recebem-se, bem como reclamações, avisos, comunicados e qualquer outra publicação idêntica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contenham acusações a particulares ou relativos à vida privada seja do quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A cargo do anunciante o imposto de selo, 2 centavos. Aceitam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

### TABELA DE PUBLICIDADE

Artigos, reclamações e comunicados, 3.ª página, cada linha, 400 Na 4.ª página, 408 Anúncios por contrato, abatimentos especiais.

**Bolsim de trabalho:** anúncios até 3 linhas, por intermédio das associações ou seus sindicatos, procurando emprego, gratos.

De Precisa-se trabalhadores ou empregados, 8 centavos cada linha. Comunicados e avisos de Associações, Cooperativas e outras organizações de carácter operário, preços especiais.

A marcação dos anúncios é feita pelo linótipo de corpo 6.

## J. FORCADA & C.ª

COMISSÁRIOS DE AVARIAS

Corretagem e angariação de Seguros

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 13

## Atenção

THE Mills Equipment Company, Limited, proprietária da patente de invenção n.º 9.819, para "Aprelições" em equipamentos militares, concedida a 9 de Agosto de 1917, desejando que o seu invento seja o mais possível aproveitado no país, prontifica-se a conceder licenças para o gozo parcial do privilégio ou mesmo a vender a Patente. Correspondência a Clarke, Modet & C.ª, Alcalá, 67—MADRID.



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e duma solidez capaz de resistir a todos os vãos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51

## "A Batalha"

(Minú revolucionário)

Música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João Black. Um lindo folheto com capa artística, 10 centavos.

A venda na administração de A Batalha.

Trabalhadores lêde e propaga

## SOCIEDADE FINANCIAL DE SEGUROS, LT.ª

ANGARIAÇÃO E CORRETAGEM

REPRESENTAÇÃO DE COMPANHIAS DE SEGUROS

Praça do Município, 13

TELEFONES: C. 1385 E 2974

Gerente: J. FORCADA

## MADEIRAS

e materiais de construção nacionais e estrangeiros. Grande sortimento de soalhos de pinho de 1.ª qualidade. Forros e fassquados de todas as qualidades. Vigamento de pinho em grosso e serrado. Casquinha e Spruce. Ferragens, pregos, telhas, tijolos, cal, cimento e manilhas.

João de Oliveira Duque

288, Rua do Bemfornoso, 290—LISBOA (414)

R. Miguel Pais, 107—BARREIRO

# BANCO FOMENTO NACIONAL

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Capital autorizado

Esc. 5.000:000\$00

Está aberta a subscrição pública para a elevação do capital deste Banco a Escudos 2.000:000\$00 (dois mil contos) em acções de Esc. 100\$00, pagas em prestações de 20 0/10, sendo a primeira no acto da subscrição, a segunda até 31 de Outubro próximo futuro e as restantes quando forem anunciadas, não se fazendo nenhuma chamada a menos de 60 dias da anterior.

As acções liberadas no acto da subscrição têm um bonus de 2,5 0/10. As actuais accionistas, havendo rateio, têm uma preferência proporcional ao número de acções que possuírem.

A subscrição acha-se patente na sede do Banco, em todos os seus Agentes e Correspondentes do Continente e das Ilhas Adjacentes e nas casas abaixo designadas:

LISBOA

PORTO

Banco Comercial de Lisboa  
Banco Português e Brasileiro  
A. J. Contente  
A. Casanovas Augustine  
Borges & Irmão  
Chegwin, Moura & C.ª  
Fonsecas, Santos & Viana  
Henrique de Sousa & C.ª  
José Augusto Dias, Filho & C.ª  
Joaquim Borges do Rego  
Joaquim Pinto Leite Filho & C.ª  
Lima Neto, Moura & C.ª  
António da Costa Ivo  
Antonio Serrão Franco  
Caetano da Silva Pestana  
Vergílio Marques da Costa

Banco Aliança  
Banco Comercial do Porto  
Banco do Minho  
Banco Português e Brasileiro  
Banco Popular Português  
Centro Financeiro Ltd.  
Borges & Irmão  
Francisco de Oliveira Moutinho  
José Augusto Dias, Filho & C.ª  
Joaquim Alves de Oliveira, Suc.  
Joaquim Pinto Leite Filho & C.ª  
J. M. Fernandes Guimarães & C.ª  
Luís Ferreira Alves & C.ª  
Lourenço Carregosa & C.ª  
Montenegro Chaves & C.ª  
Manuel Pereira Pena & C.ª

## Publicações à venda

Na administração de A Batalha

Na administração deste jornal encontram-se à venda várias publicações literárias que nos foram oferecidas pelos editores para auxílio do órgão dos trabalhadores.

Entre outras, encontram-se as seguintes:

Hino de A Batalha, música do maestro Tomás del Negro e letra do poeta operário João Black, 10\$  
Número especial do semanário humorístico O Zé, dedicado ao 1.º de Maio, 40\$  
Razão (Poema social) do operário gráfico Alfredo Neves Dias, 50\$  
Jesus na guerra, por Adriano do Vale, tradução de Jorge Gonçalves, 50\$  
A Rússia Nova, por Henriette Roland, introdução de Perfeito de Carvalho, 10\$  
O Terrorismo em França, por Henrique Varenhas, tradução de Grácio Ramos, 70\$

## CASA DE FERRO VELHO

Preferir sempre esta casa

Estrada de Satazem, 84 (Arroios)

## Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais afeitos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

## ESPECIALIDADE EM CHAPÉUS DE COURO, SEDA E FLAMÃO

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

Estabelecimentos

Sede: 81, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 4.ª

2.ª Sucursal: Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 66, 58.

## FABRICA DE BONETS

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo) (32)

## PREÇOS DE COMBATE

Sapataria João Salgado Oliveira

Fornecedora do Pessoal da Companhia dos Caminhos de Ferro

60, Rua Eugénio dos Santos, 64

— Aproveitem um grande saldo de botas de velle, à americana a 11\$90 —

A única casa que actualmente vende mais barato

Remete para a provincia contra reembolso

554

## Serralharia Artística

DE

Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo

1412 (Norte)

RUA DAS AMOREIRAS, 92—LISBOA

1412 (Norte)

1412 (Norte)

1412 (Norte)

1412 (Norte)

1412 (Norte)

1412 (Norte)

1412 (Norte)

## OURO!!

Mais barato e não se paga feito— Só milagre!!!

OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga. Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feito

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12

Junto à Casa das Galoias

TELEFONE 3676

## Calçado Barato

Só vende o

CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do hofariz)

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262

262